Divergências da História

HENRIQUE GONZALEZ

Tudo se pode conjecturar sobre o memorável acontecimento que foi a Independência do Brasil, mas, a nosso ver, o ponto mais sensível, foi, sem dúvida, o conselho do Visconde de Cairú ao príncipe D. João, aconselhando-o a proceder a abertura dos portos.

Escancarava a casa do novo inquilino de maneira imprevista e justificável, favorecia um contacto amplo com os visitantes, tornando mais fácil arejar a mentalidade do futuro rei, assustadiço e manso, capaz de adaptar-se a todas as circunstâncias no estado em que se encontrava.

A Independência seria difícil, não resta dúvida, basta dizer que naqueles tão críticos momentos em que se achavam, havia um navio que chegara a 17 de janeiro à Guanabara, com damas da Corte, que tinham sofrido a penosa viagem dramaticamente, mas, por motivo de etiqueta, ficaram de quarentena até 7 de março de 1808, quando então chegou a família real. Imagine-se agora um numeroso grupo de senhoras num desconfortante navio a vela, que não era adaptado para viagens de passageiros, trinta dias sobre o Guanabara a espera do príncipe, que se detinha em Salvador?

Quando o Visconde de Cairú teve aquela luminosa idéia, sabia de antemão as consequências do ato, encoberto por uma renda de vinte e quatro por cento sobre a mercadoria entrada nas alfândegas. Se, por um lado, favorecia as despesas em geral do novo reino, por outro, facultava o escoamento da nossa produção, que era, no tempo, pastoril, portanto do extremo do país, conforme estatísticas de Saint Hilaire, no seu livro sobre o Rio Grande do Sul.

A cidade do Rio Grande, por exemplo, em 1816, havia exportado para os Estados Unidos, Portugal, Egito, Cuba e todas as demais províncias brasileiras, mercadorias num total de 1.212.617.950, constante de trigo, carnes salgadas, peixes, couros, chifres etc. É precioso considerar-se que era a produção somente de uma cidade e seus arredores. Tinha crescido de tal maneira o gado vacum e cavalar que o estancieiro só fazia questão do couro.

Em seguida começou a penetração dos viajantes, dos comerciantes, principalmente ingleses.

Em 1809 chegou à cidade do Rio Grande o inglês John Luccock. Não havia moeda e isso desapontou um pouco o visitante:

"Abrimos em S. Pedro um armazem que a cidade nunca vira nem tão amplo nem tão bem provido. Fornecemos mercadorias a vários retalhistas que vendiam por nossa conta; enviamos mascates à redondeza e promovemos permutas. Nada disso deu resultado." Estava inaugurada a Era dos Super-mercados...

Há outro trecho interessante, quando o homem aportou: Os **trabalhos de bordo foram grandemente facilitados, graças ao empenho que puzemos em adornar a mesa com queijo inglês e cerveja forte,** dois artigos pelos quais os brasileiros tem decidida predileção.

Não tiramos, todavia, proveirto da boa disposição em que se encontravam, porque de regresso, tendo me aventurado a perguntar o que estaria resolvido, foi-me dito mui maneirosamente, **que a indagação carecia de oportunidade.** Um dos guardas insinuou **que certas gorjetas eram, nessas ocasiões bem recebidas."**

Temos em 1834/5 **Arsene Isabel** francês: "A maior parte dos navios que vão a Porto Alegre são americanos do norte, brasileiros, e italianos, e alguns ingleses. Vê-se de vez em quando, um navio francês procedente de Marselha ou de Bordeus."

A abertura dos portos deu ensejo a uma serie de visitantes curiosos, que com seus livros trouxeram, uma larga contribuição ao modo de vida brasileira, e ao mesmo tempo facilitaram, também, a independência, de muitos modos, haja vista Saint Hilaire, que se ocupa com muita propriedade, de detalhes preciosos, como se fosse um homem público integrado à vida brasileira.

Fomos assim caminhando a passo tardo para a redenção, pois pelos exemplares apresentados por Luccock, exemplares humanos, pelo atrevimento, pela audácia, vê-se que não eram brasileiros os funcionários.

Desenrolados os acontecimentos que culminaram na partida do então rei D. João VI, ficou a Coroa para o filho, D. Pedro I, que não foi, como se pode pensar e insinuar, um total apologista da independência do Brasil, idéia que só por fim, resolveu adotar, irmanado, trabalhado por tantos brasileiros que desejavam ver-se livre do colonizador, apesar de certos gestos, de certa liberdade, que não se pode atribuir a uma intenção íntima, mas circunstância mesmo de uma vida agitada, intensa, extrapolando os limites do normal, que alguns episódios palacianos permitem reconstituir, a **vol doiseau.**

"Queriam e dizem que me querem proclamar Imperador: pro-

testo a Vossa Magestade, escrevendo com meu sangue estas palavras: prometo a Vossa Magestade que nunca serei perjuro; que êles só farão essa loucura depois de eu morto e todos os portugueses estarmos feitos em póstas: Juro ser sempre fiel da V.M., á Nação e a Constituição Portuguêsa."

Maria Graham, inglêsa inteligentíssima, recebeu, de um patrício eminente, convite para ser preceptora da filha de Pedro I, a princesa Maria da Glória. Certa vez essa extraordinária senhora, passando por um corredor do palácio, onde morava, encontra a sua pupila completamente nua, dentro de uma tina, tomando banho dado por duas criadas, num local onde constantemente passavam escravos, domésticos, e muita gente branca do palácio.

Um alemão que desejava incorporar-se ao exército num posto superior conseguiu penetrar no paço pelas cavalariças, e de repente vê um homem rudemente vestido, de chapéu de palha, a blasfemar, metido nas baias. Logo uma pessoa dali mesmo lhe indica o Imperador.

Arriscou duas palavras em francês, e D. Pedro mandou que esperasse um pouco, selando com habilidade um cavalo, e saindo em disparada. Logo depois voltava, todo a rigor, com uma preocupação tremenda.

Mandou conclamar a guarda. Isto feito tirou a luva, deu a mão a beijar ao circunstante, e saiu, depois de dar-lhe instruções protocolares sobre como havia de proceder junto ao seu Ministro da Guerra.

Jornalista improvisado, verrineiro D. Pedro, tomava nomes diferentes para atacar quem lhe ousava pisar os calos, servindo-se muitas vezes, de muitas penas, e apesar dos seus deslizes gramaticais, tudo tinha conteúdo apreciável até certo ponto. Deixou-se insinuar pelo Chalaça, um brutamontes que tinha uma força hercúlea, e havia frequentado o seminário, e quase a se ordenar, homem que o levaria muito longe se não fosse a benéfica interferência dos inimigos.

Esses impactos da vida quotidiana marcam com expressividade a figura desse príncipe, que trazia um trauma de longa data, pois seus pais casaram-se ainda impuberes, e foram forçados, apesar das festividades, das manhas da cortesia, a separar-se até completar maturação. Imagine-se, pois o drama vivido por essas criaturas, cuja explosão todos conhecem.

Tomou armas contra o irmão Miguel em Portugal. Aliás, isso não é novidade: o drama mais triste, com uma explicação que ainda não convence, foi o de Afonso VI e seu irmão Pedro, filhos de D. João IV.

Pedro I foi levado de roldão, mas em todo caso, proclamou nossa independência. Devemos tributar-lhe nossas homenagens eternamente. Não importa como, mas devemos expor, com toda lisura os fatos como eles se passarem, porque se fossemos buscar o detalhe em todo movimento dessa natureza teríamos que parar...

*

Os depoimentos sobre a proclamação da Independência são unânimes e muitos, porém mais preciso e curioso é do padre Belchior Pinheiro, confidente e amigo do Imperador, publicado por Assis Cintra, em seu livro "D. Pedro 1.º e o Grito do Ipiranga" "Melhoramentos" pg. 211/212/213.